

- (7) Sumidouro da Carniça
- (8) Sumidouro do Córrego Grande
- (9) Caverna do Roncador \*
- (10) Sumidouro da Lagoa I
- (11) Sumidouro da Lagoa II (?)
- (12) Caverna do Marinho (ou Jeremias) \*
- (13) Caverna das Águas Quentes \*
- (14) Caverna do Córrego Seco \*

\* exploradas

\* \* \* \* \*

### ABISMO DO JUVENAL

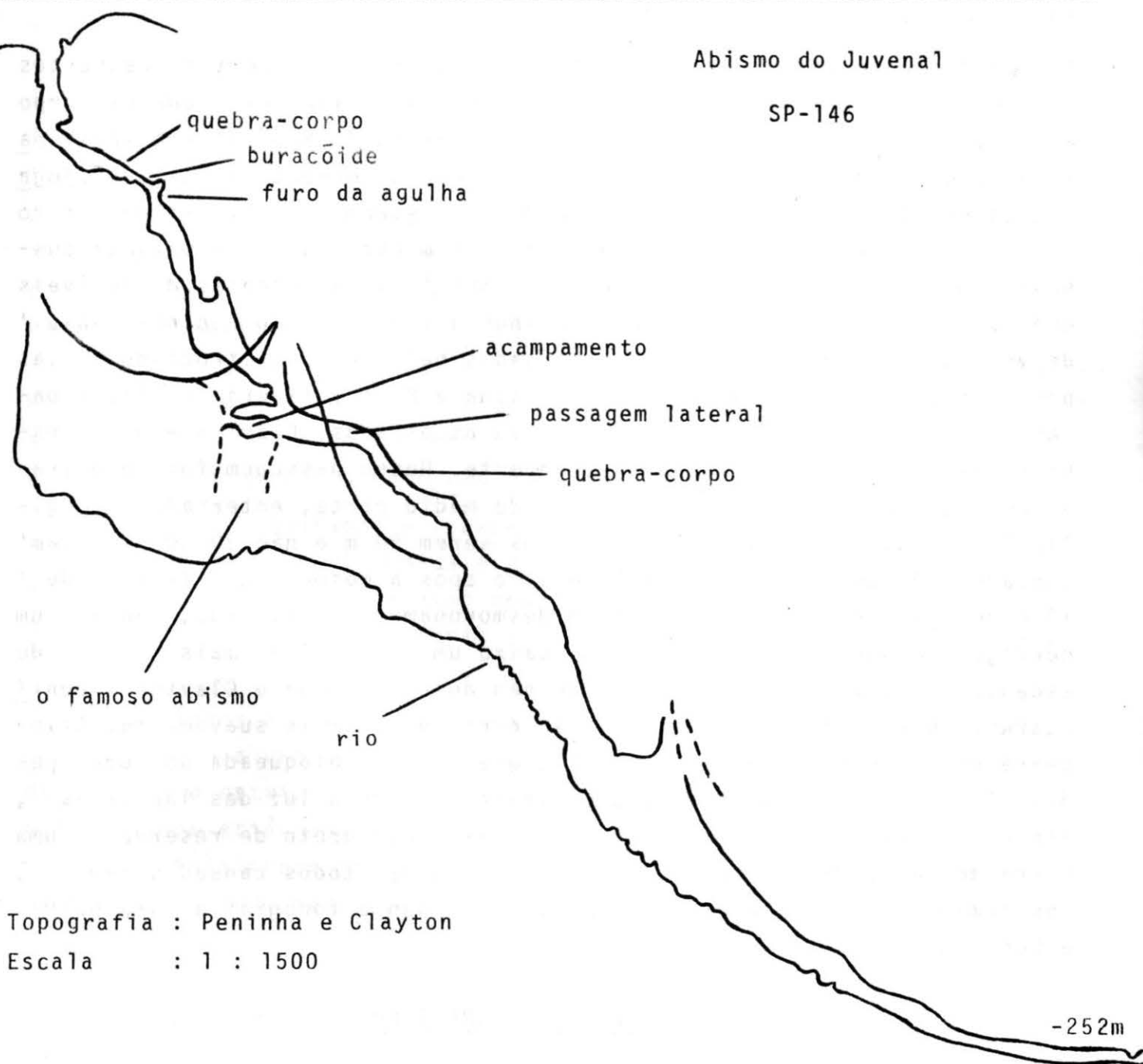
Abstracts : We did three expeditions to "Abismo do Juvenal". The first one, in April, 1977, was a recognition expedition, when we reached -85m. After three weeks, taking one hundred and twenty meters of ladders, we reached the end of the abyss (-252 m), Brazil's deepest pothole. We found fossilized bones and teeth on -20 m and a complete eskeleton of an animal on -120 m. In the second week of June we did the third expedi<sup>ti</sup>tion to do topography and photography of the cave beyond to film and photograph the journey and to colour the pot's drainage. We also contin<sup>ue</sup>d the exploration and found out a possible passageway to another gallery that was not searched because the lack of time. In all we stayed 49 hours into the cave.

Durante a Semana Santa de 1977, os espeleólogos do Centro Excursionista Universitário (CEU) dividiram-se em duas equipes; uma delas (Clayton, Peninha, Burgi, Coriolano e Betinho) foi verificar uma informação obtida de um dos habitantes da região do Lageado, município de Iporanga-SP. Sendo uma expedição apenas de verificação do local, o equipamento leva<sup>do</sup> foi reduzido, mesmo porque havia outra equipe do CEU atuando em outro ponto da região do Lageado e utilizando grande parte do equipamento espeleológico do clube.

A informação citava apenas um abismo nunca antes explorado; com os cinco espeleólogos pensando tratar-se de mais um dos abismos de 20 ou 30 m abundantes na região, iniciaram a descida e, surpresos, atingiram a cota -85 m em relação à entrada do abismo. Tendo usado todas as escadas e

## Abismo do Juvenal

SP-146



Topografia : Peninha e Clayton

Escala : 1 : 1500

-252m

cordas disponíveis, o grupo não teve outra alternativa senão retornar , planejando nova exploração.

SEGUNDA EXPEDIÇÃO

Hugo Vasconcelos

Centro Excursionista Universitário - CEU

Descoberto o abismo na Semana Santa, havia sido atingido a cota -85 m e parado por falta de escadas. Três semanas depois, armados com 120 m de escadas, lançamo-nos à conquista, Peninha, Clayton, Hugo, Miguel, Elia-

na, Rosely e Eleonora.

Atingimos rapidamente o "buracõide", após parar para observar fragmentos de ossos e dentes fossilizados incrustados na argila, no quebra-corpo a -20 m. A partir daí até ultrapassar o "buraco da agulha" e atingir o patamar a 6 m abaixo, a progressão tornou-se extremamente lenta. Então, jogadas as escadas, Peninha, Clayton e Hugo passaram à frente atingindo o limite da exploração anterior; descendo 10 m chegaram a um patamar suspenso sobre um insondável abismo. Lançamos todas as escadas disponíveis que supunhamos serem 30 m, não atingindo o fundo. Então Peninha subiu de volta, para trazer as escadas deixadas pelo caminho, trocando - as por cordas. Com isso, Miguel, Leo, Eliana e Rosely tiveram de ficar parados a -50 m. Enquanto Peninha buscava as escadas, Clayton e Hugo exploraram uma passagem lateral descendente. Nessa passagem foi encontrado um esqueleto intacto de um animal de médio porte, enterrado na argila. Recolhidas as escadas, verificamos serem 50 m e não 30 que estavam lançados. Descendo a passagem lateral e após a mesma, dois lances de 10 e 20 m de escada, chega-se a um desmoronamento inclinado, onde um córrego acompanha a descida. 30 m abaixo uma cachoeira, mais 20 m de escada. Hugo, muito cansado, decide não descer. Pena e Clayton continuaram, agora sem escadas. Após isso o rio desce mais suavemente. Atinge-se uma galeria baixa, horizontal, que termina bloqueada por uma pedra. Acabando o carbureto, Pena e Clayton voltam à luz das lanternas, até o alto da cachoeira, onde os esperava o carbureto de reserva e uma barra de chocolate. A volta, a toda velocidade, todos cansadíssimos, sem comida e sem carbureto de reserva, ficando a topografia para outra expedição.

### TERCEIRA EXPEDIÇÃO

Luis Enrique Sánchez

Centro Excursionista Universitário- CEU

9 de junho, terceira incursão ao "Abismo do Juvenal" (SP-146) : 9 pessoas, 15 escadas, mais de 200 m de cordas, três filmadoras, duas máquinas fotográficas e uma legião de mochilas e sacos de dormir. A equipe : Clayton, Peninha, Hugo, Beck, Thereza, Betinho, Milton, Roberto e Luis. A terceira expedição se propunha a fazer a exploração do "famoso" abismo, descendo ao salão e procurando ultrapassar o fundo; além disso, topografar o abismo e filmar a exploração.

Às 17 horas começamos a descida, bastante demorada devido à grande

quantidade de material, o que nos obrigou a fazer várias "formiguinhas". Logo de início : o Beck tinha esquecido o seu lampião no rancho, e junto com Peninha, voltou da boca do abismo para buscá-lo; começaram a descer às 18:00 horas e encontraram o resto do grupo no primeiro quebra - corpo.

Por volta de meia-noite paramos para comer no ponto onde havia chegado a primeira expedição; 15 metros abaixo, um local mais amplo permitiu ' deixar todo o material. A partir daí a descida foi muito mais rápida. E exatamente nesse ponto que se abre o "famoso" abismo. Enquanto a maior parte do pessoal descia pela passagem conhecida, Beck, Roberto e Peninha desceram de "rappel" o grande salão, que na verdade tinha "apenas " trinta metros. Os três conseguiram comunicação oral com o outro grupo , embora não tivessem chegado até ele.

Subimos todos e montamos o acampamento a - 100 m, estendendo nossos sacos de dormir na argila úmida e gelada, em um terreno inclinado que me fez acordar dois metros abaixo onde havia adormecido. Roberto e Beck subiram para recarregar a bateria e o restante foi dormir : 4:00 horas do dia 10.

Meio-dia, todos acordaram; uma hora, os primeiros começaram a levantar para preparar a comida; quatro horas e recomeçamos a descida. O acordar é um ato estranho, tudo é escuridão, nada se vê, não sabe se os companheiros estão acordados, ou se ao menos estão ali; você se sente num mundo totalmente diferente; a primeira voz no escuro é alentadora, começa-se a conversar, alguém acende uma lanterna, depois um lampião ' de carbureto e então parece que tudo volta ao "normal".

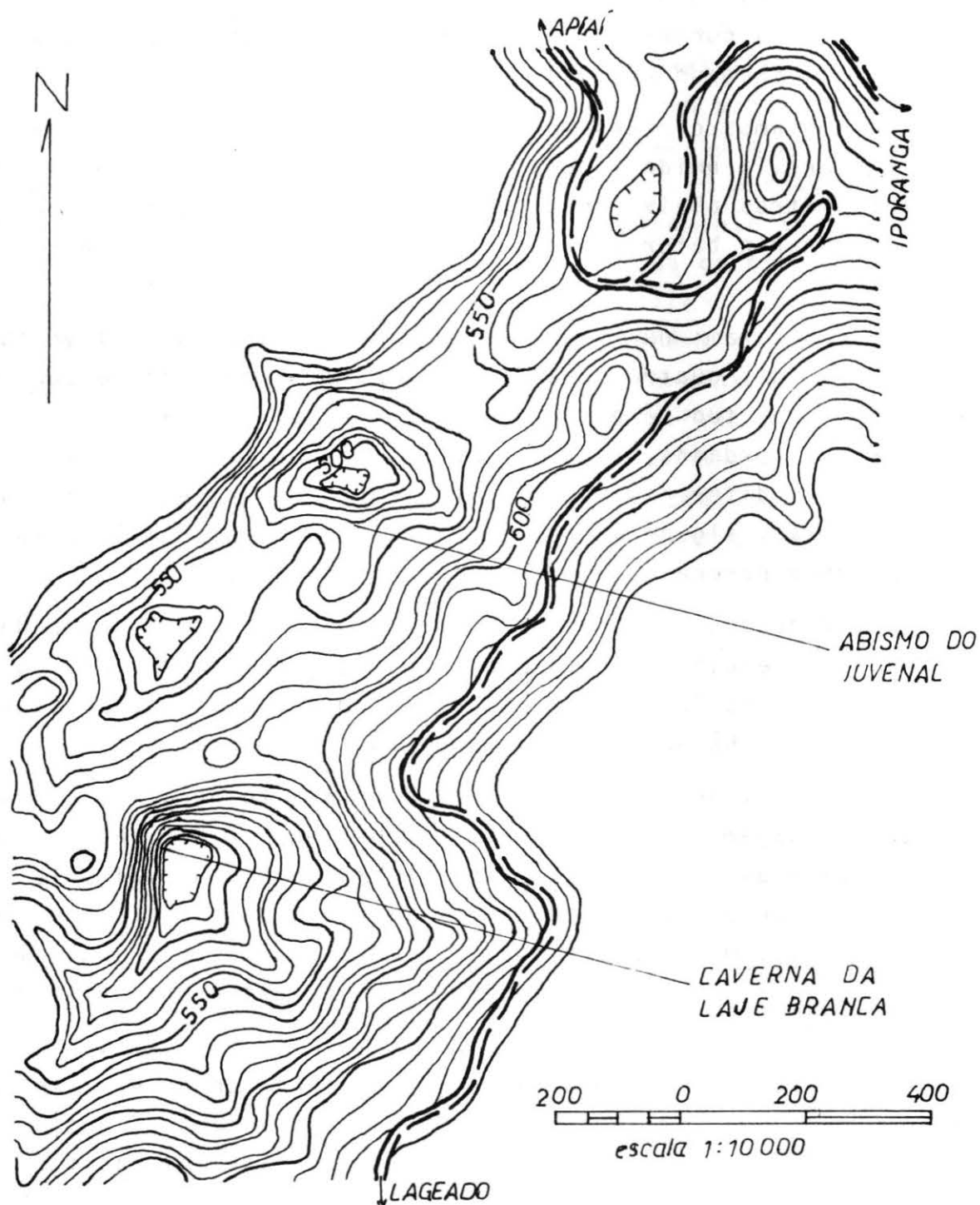
Não havia água por perto, o pouco que conseguimos foi obtido deixando-se uma caneca para recolher a água que pingava; a comida nos animou ' tremendamente, dando-nos forças para suportar um pesado dia de exploração, principalmente o chá quente, feito num fogareiro a álcool.

Clayton e Peninha foram pelo "Famoso" e começaram a topografia; os outros foram pela passagem lateral em dois grupos: Hugo e Betinho em um e Betinho, Thereza e eu em outro. O primeiro prosseguiu normalmente , mas o segundo teve vários problemas com os lampiões de carbureto e, depois de eu ter passado mais de uma hora tentando arrumar meu equipamento, o grupo retornou à base, conversou um pouco e voltou ao conforto ' dos sacos de dormir.

Às dez da noite a bateria estava de volta e eu descí com o Beck e o Roberto. Cruzamos com Hugo e Milton já de subida e alcançamos Clayton e Peninha lá em baixo, esperando para filmar. Após várias tomadas foi '

feita a coloração da água, exatamente às 5:07 horas do dia 11 ( não se sabe onde saiu a água corada; na Santana, onde era esperada, não foi vista; pode ter saído durante a noite).

Uma pausa para lanche e troca de carbureto e a volta, com os dois topógrafos subindo na frente para fazer o último trecho e os três repórteres subindo depois, filmando algumas cenas mais e recolhendo escadas e cordas, chegamos à base às 11 hs. O Beck foi juntar-se ao sono do Clayton e Pena, enquanto Hugo, Milton, Betinho, eu e Roberto começávamos a subir com boa parte do equipamento; uma hora depois os quatro restantes já estavam de subida, topografando todo o trecho acima do acampamento.



A "formiguinha" foi bem mais eficiente na subida e, às 6 da tarde, e após 49 horas de gruta, o primeiro grupo voltou a ver a luz, não do sol, mas da lua. Uma hora depois outra turma chegava, vinda de 252 m abaixo (e, na primeira excursão, enquanto o pessoal se preparava para descer, o Burgi ainda disse: "Mais um daqueles abismos de vinte metros!").

O acesso ao abismo é feito por uma trilha que sai da Estrada do Lageado - a 1,5 km de Apiaí-Iporanga - a mesma que vai para a Gruta Lage Branca (sem entrar na trilha de acesso à mesma, que sai à esquerda) em direção à casa do Sr. Juvenal Ribas; alguns metros antes de se atingir os descampados das roças dele, toma-se à direita por uma trilha que passa a quinze metros da boca do abismo. São cerca de vinte minutos de caminhada fácil, desde a estrada (que pode ser feita em dez minutos sem carga), que permite o acesso de automóveis em períodos não chuvosos.